

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Unidade Especial de Educação Básica e Profissional
Centro Pedagógico
Curso de Especialização em Educação Física Escolar

William Pereira dos Santos Junior

CORPOS EM MOVIMENTO: desafios e percepções de gênero nas aulas de
Educação Física

Belo Horizonte

2025

William Pereira dos Santos Junior

**CORPOS EM MOVIMENTO: desafios e percepções de gênero nas aulas de
Educação Física**

Versão final

Monografia de especialização apresentada à Unidade Especial de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Belo Horizonte

2025

CIP – Catalogação na publicação

S237c Santos Junior, William Pereira dos
Corpos em movimento: desafios e percepções de gênero nas aulas de educação física / William Pereira dos Santos Junior. - Belo Horizonte, 2025.
26 f.

Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais, Unidade Especial de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, Belo Horizonte, 2025.

Orientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Inclui bibliografia.

1. Educação física. 2. Educação. 3. Identidade de gênero na educação. I. Título. II. Nogueira, Paulo Henrique de Queiroz. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Unidade Especial de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico.

CDD: 372.86

CDU: 371.73:37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

UFMG

ATA DA DEFESA DA MONOGRAFIA DO ALUNO **WILLIAM PEREIRA DOS SANTOS JUNIOR**

Realizou-se, no dia 08 de fevereiro de 2025, às 11:00 horas, Centro Pedagógico da UFMG - Sala 2, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de monografia, intitulada *CORPOS EM MOVIMENTO: DESAFIOS E PERCEPÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA*., apresentada por WILLIAM PEREIRA DOS SANTOS JUNIOR, número de registro 2023705368, graduado no curso de EDUCAÇÃO FÍSICA, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Paulo Henrique de Queiroz Nogueira - Orientador (UFMG), Prof(a). Luiz Gustavo Nicacio (UFMG).

A Comissão considerou a monografia:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 08 de fevereiro de 2025.

Prof(a). Paulo Henrique de Queiroz Nogueira (Doutor)

Luiz Gustavo Nicacio
Prof(a). Luiz Gustavo Nicacio (Doutor)

AGRADECIMENTOS

Obrigado, primeiramente, a Deus, por ter permitido meu ingresso neste curso e por me dar força, sabedoria e resiliência para avançar em cada etapa desta caminhada acadêmica. Não foi nada fácil, mas Sua presença foi essencial para que eu pudesse superar os desafios e alcançar este momento tão significativo.

A minha esposa, Thamirys de Alcântara, por todo o apoio e incentivo ao longo deste processo. Você proporcionou todas as condições para que eu pudesse me dedicar plenamente a este trabalho, e sua paciência e compreensão foram fundamentais. Quero expressar minha eterna gratidão por sua presença constante e amor incondicional. A minha filha, Luiza, que, com sua alegria e energia, trouxe leveza aos momentos mais difíceis. Mesmo tão pequena, você foi uma grande motivação para que eu seguisse em frente, lembrando-me diariamente do significado desta conquista.

Agradeço também ao meu orientador, Doutor Paulo Nogueira, por sua paciência, dedicação e confiança em meu projeto. Sua orientação cuidadosa e suas sugestões foram indispensáveis para a construção desta monografia. Sou agraciado pela oportunidade de contar com sua experiência e apoio em todas as etapas deste processo. Estendo minha gratidão aos amigos e colegas que, de diferentes formas, me apoiaram ao longo desta trajetória. Cada palavra de encorajamento, cada gesto de apoio e cada troca de ideias contribuíram para que eu pudesse perseverar e alcançar este objetivo.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta jornada. Cada contribuição foi valiosa e será sempre lembrada com carinho.

RESUMO

A pesquisa realizada nas aulas de Educação Física revelou a forte influência das normas de gênero nas experiências e interações dos alunos. Observou-se que a separação tradicional entre meninos e meninas nas atividades físicas continua a ser uma barreira para a participação inclusiva. Alunos que se identificam com gêneros não convencionais ou que se autodeclaram lésbicas, como foi o caso de algumas participantes, relataram sentir-se desencorajados em esportes tidos como “masculinos”, como o futebol e o basquete. Por outro lado, meninos, principalmente os que não se destacam em atividades competitivas, enfrentaram pressões para corresponder a expectativas de desempenho físico, deixando de lado a possibilidade de participar de atividades mais colaborativas ou inclusivas. Os alunos não-binários também mencionaram a falta de espaço para sua identidade, o que evidencia a invisibilidade de pessoas fora da norma binária nas dinâmicas escolares. Além disso, a pesquisa apontou que a representatividade de diferentes identidades de gênero nas atividades de Educação Física é insuficiente, com muitos alunos percebendo que, apesar de discursos de inclusão, a prática diária não reflete essa diversidade. As sugestões dos participantes para promover um ambiente mais inclusivo incluem a promoção de atividades mistas, a criação de espaços para o diálogo sobre diversidade e a capacitação dos professores para abordar questões de gênero e sexualidade. Também foi destacado a importância de integrar mais referências culturais, como histórias de atletas LGBTQIA+ e iniciativas que incluam a voz dos alunos nas decisões pedagógicas. Portanto, a pesquisa aponta para a necessidade urgente de reestruturar as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física, criando um ambiente que respeite e celebre as diferenças de gênero e sexualidade. Implementar essas mudanças não só contribuirá para um espaço mais inclusivo na escola, mas também ajudará a formar uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: normas de gênero; educação física; inclusão; diversidade; representatividade.

ABSTRACT

The research conducted in Physical Education classes revealed the strong influence of gender norms on students' experiences and interactions. It was observed that the traditional separation between boys and girls in physical activities continues to be a barrier to inclusive participation. Students who identify with non-conventional genders or self-identify as lesbians, as was the case with some participants, reported feeling discouraged in sports considered "masculine," such as soccer and basketball. On the other hand, boys, especially those who do not stand out in competitive activities, faced pressure to meet physical performance expectations, sidelining the possibility of participating in more collaborative or inclusive activities. Non-binary students also mentioned the lack of space for their identity, highlighting the invisibility of individuals outside the binary norm in school dynamics. Furthermore, the research pointed out that the representation of different gender identities in Physical Education activities is insufficient, with many students perceiving that, despite inclusion discourses, daily practices do not reflect this diversity. The participants' suggestions for promoting a more inclusive environment include the promotion of mixed-gender activities, the creation of spaces for dialogue on diversity, and teacher training to address gender and sexuality issues. The importance of integrating more cultural references, such as stories of LGBTQIA+ athletes and initiatives that include students' voices in pedagogical decisions, was also emphasized. Therefore, the research points to the urgent need to restructure pedagogical practices in Physical Education classes, creating an environment that respects and celebrates gender and sexual diversity. Implementing these changes will not only contribute to a more inclusive school environment but also help form a more just and equal society.

Keywords: gender norms; physical education; inclusion; diversity; representation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perguntas e síntese das respostas dadas	20
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DA LITERATURA	11
3	METODOLOGIA.....	19
3.1	Resultados da pesquisa.....	20
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física tem um papel fundamental no desenvolvimento integral dos estudantes, proporcionando não apenas o aprendizado de habilidades motoras, mas também promovendo reflexões sobre identidade, corpo e gênero. Como professor há quatro anos, em uma escola, localizada em Sabará, tenho observado de perto a dinâmica das aulas e as interações dos alunos com as atividades propostas.

A escola é estadual, atende majoritariamente alunos de famílias de baixa renda e é voltada para o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio em tempo integral. Atualmente, possui 7 turmas com 172 alunos, conta com 23 professores e recebe do estado os materiais necessários para a condução das aulas de Educação Física, de acordo com a orientação do guia de referência anual. O espaço escolar é um importante aliado na formação e inclusão da comunidade local. Possui uma infraestrutura que, apesar de limitada, busca atender às necessidades dos estudantes. A escola desempenha um papel central na socialização e no desenvolvimento dos jovens. Além disso, a diversidade cultural e social presente entre os alunos torna o ambiente escolar um reflexo da pluralidade da sociedade brasileira, o que enriquece as discussões sobre temas como gênero e identidade.

No contexto escolar, as normas de gênero muitas vezes influenciam significativamente a forma como meninas e meninos se inserem e participam das aulas de Educação Física. No entanto, é importante reconhecer que essas normas podem ser limitantes e excludentes para alguns estudantes, especialmente para aqueles que não se identificam estritamente com as expectativas tradicionais de gênero.

Ao longo da minha trajetória profissional, tenho percebido a necessidade de abordar as questões de gênero no ambiente escolar, especialmente no âmbito da Educação Física, em que a corporeidade e as experiências corporais desempenham um papel central. É nesse contexto que surge a relevância do tema proposto para esta pesquisa: como meninas e meninos, a partir das normas de gênero, se inserem nas aulas de Educação Física e quais são suas percepções e atitudes em relação às atividades desenvolvidas nas atividades da disciplina, considerando seu autorreconhecimento como meninos e meninas.

Nesse sentido, o professor de Educação Física e as atividades que ele propõe podem vir a acirrar a incidência das normas de gênero sobre os corpos dos estudantes

ou atenuá-las ao propor um ambiente acolhedor as diversas possibilidades de se constituir e se afirmar como um sujeito à revelia das normas e sua persuasão. O professor, portanto, poderá vir a desempenhar um papel fundamental na promoção da inclusão e na quebra de barreiras relacionadas ao gênero nas aulas de Educação Física posto que, como educadores, temos a responsabilidade não apenas de ensinar habilidades motoras e promover a saúde física, mas também de criar ambientes de aprendizagem que sejam acolhedores, inclusivos e sensíveis às diversidades de gênero.

Em muitos casos, os alunos podem enfrentar barreiras significativas relacionadas ao gênero ao participar das aulas de Educação Física. Estereótipos de gênero podem influenciar as expectativas dos alunos, dos colegas e até mesmo dos professores, limitando suas oportunidades de participação e contribuição plena nas atividades físicas e esportivas. Meninas podem sentir-se desencorajadas a participar de certos esportes por considerá-los "coisa de menino", enquanto meninos podem enfrentar pressões para se conformar a normas de masculinidade que desencorajam a expressão emocional e a participação em atividades consideradas "femininas".

Nesse contexto, é crucial que os professores de Educação Física estejam atentos às dinâmicas de gênero em suas aulas e sejam capazes de identificar as barreiras que podem impedir a plena participação dos alunos. Isso requer sensibilidade, empatia e uma compreensão profunda das questões de gênero e das formas como elas se manifestam no contexto escolar. Os professores devem estar abertos ao diálogo com os alunos, ouvindo suas preocupações e experiências e trabalhando em conjunto para encontrar soluções que promovam a inclusão e o respeito mútuo.

Além disso, os professores de Educação Física desempenham um papel importante como modelos e facilitadores de comportamentos inclusivos e respeitosos. Ao criar um ambiente seguro e acolhedor, os professores podem encorajar os alunos a se expressarem livremente, a desafiar estereótipos de gênero e a explorar uma variedade de atividades físicas e esportivas sem medo de julgamento ou discriminação. Isso requer uma abordagem proativa e intencional por parte dos professores, que devem estar dispostos a desafiar suas próprias crenças e preconceitos, bem como a questionar e desconstruir as normas de gênero que permeiam o ambiente escolar.

Ao promover a construção de confiança entre os alunos, os professores de

Educação Física podem criar um ambiente de aprendizagem colaborativo e inclusivo, em que todos os alunos se sintam valorizados e respeitados independentemente de sua identidade de gênero. Isso não apenas melhora a experiência educacional dos alunos, mas também promove uma cultura escolar mais igualitária e justa, que reconhece e celebra a diversidade de gênero como um aspecto fundamental da experiência humana.

Em resumo, o papel do Professor de Educação Física vai muito além do ensino de habilidades motoras e técnicas esportivas. Eles são agentes de mudança social e defensores da igualdade de gênero, que trabalham ativamente para promover a inclusão, a diversidade e o respeito mútuo em suas aulas e na comunidade escolar como um todo. Ao reconhecer e abordar as barreiras relacionadas ao gênero e ao criar ambientes de aprendizagem inclusivos e sensíveis às diversidades, os professores de Educação Física podem desempenhar um papel significativo na construção dos alunos.

Esta pesquisa, na confluência com as preocupações e intenções acima esboçadas, propõe-se a explorar essa temática por meio de entrevistas com gays e lésbicas, buscando compreender suas experiências e vivências no contexto das aulas de Educação Física. Ao analisar essas perspectivas, esperamos contribuir para uma reflexão mais ampla sobre a importância da desconstrução de estereótipos de gênero no ambiente escolar e para a promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis às diversidades.

Este estudo tem como objetivo principal relatar a experiência do autor em uma situação observada no ambiente escolar, analisando o cotidiano das aulas de Educação Física ministradas.

A análise foi fundamentada em uma literatura selecionada que aborda os conceitos de identidade de gênero, autorreconhecimento e seus reflexos no contexto escolar. Para alcançar esse objetivo geral, o estudo definiu três objetivos específicos. O primeiro é analisar as percepções dos alunos sobre a influência das normas de gênero nas aulas de Educação Física, identificando de que forma essas normas impactam sua participação e interação nas atividades. O segundo objetivo é examinar as percepções e atitudes dos alunos em relação às atividades desenvolvidas, levando em consideração seu autorreconhecimento de gênero. Por fim, o terceiro objetivo é identificar sugestões e propostas dos alunos para tornar as aulas de Educação Física mais inclusivas e sensíveis à diversidade de gênero e sexualidade.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, será apresentado o referencial teórico que embasou este trabalho. Foi realizado um levantamento das definições de alguns autores sobre identidade de gênero, autorreconhecimento, normas de gênero, inclusão e exclusão, com o intuito de apresentar contribuições sobre o tema nas aulas de Educação Física.

A influência das normas de gênero nas aulas de Educação Física vai além das interações individuais dos alunos, afetando também as dinâmicas grupais, as expectativas dos professores e a própria estrutura do currículo escolar. Meninas e meninos são frequentemente direcionados para diferentes tipos de atividades com base em estereótipos de gênero, reforçando a ideia de que certas habilidades e comportamentos são mais apropriados para um determinado sexo do que para outro.

Essa segregação de gênero nas atividades físicas pode reforçar estereótipos prejudiciais, limitar as oportunidades de aprendizagem e perpetuar desigualdades de gênero desde uma idade precoce. Para os estudantes que não se identificam com as normas de gênero tradicionais, essa divisão pode criar um ambiente ainda mais hostil e excludente, dificultando sua participação e contribuição positiva nas aulas de Educação Física.

É fundamental reconhecer que a exclusão desses alunos das atividades físicas pode acarretar uma série de prejuízos, não apenas para o desenvolvimento físico e motor, mas também para o bem-estar emocional e social. A Educação Física pode desempenhar um papel crucial na promoção da autoestima, da confiança e do senso de pertencimento dos estudantes, proporcionando oportunidades para a expressão e o reconhecimento de suas habilidades e potencialidades individuais.

Judith Butler (1990) descreve o gênero como uma performance repetida, uma realização ritualizada e estilizada da identidade de gênero. Para Butler, é como uma encenação teatral na qual os atores sabem suas linhas, mas também entendem que a 'verdade' de suas personagens é fabricada, sendo uma produção política dentro de contextos culturalmente específicos. Essa perspectiva nos convida a repensar a forma como compreendemos o gênero e as normas de gênero que moldam nossas vidas e experiências. Ao descrever o gênero como uma performance repetida e ritualizada, Butler destaca que nossa identidade de gênero não é algo biologicamente determinado, mas sim uma construção social que é continuamente realizada e reforçada por meio de práticas culturais e sociais.

Michel Foucault contribui para essa discussão ao explorar como as categorias de gênero e sexualidade são moldadas e reguladas por discursos sociais e culturais. Segundo Foucault (1976, p. 32), "o sexo foi definido como uma dimensão secreta e difícil de perceber, que exige um discurso específico, incessantemente repetido e variado, um discurso que se acredite ser a revelação do seu mistério". Assim, o gênero, tal como a sexualidade, não é uma essência fixa, mas uma construção social constantemente reforçada através de práticas discursivas e de poder. Tanto Butler quanto Foucault nos incentivam a questionar as normas que governam nossas identidades, ressaltando a importância de reconhecer o papel dos discursos na perpetuação dessas construções e na possibilidade de desconstruí-las.

Bell Hooks (2000) amplia essa análise ao destacar como as normas de gênero estão interligadas com questões de raça e classe, argumentando que "a visão crítica sobre o gênero não pode ser separada das análises sobre raça e classe, pois todas essas categorias estão interconectadas e influenciam a experiência social e educacional" (Hooks, 2000, p. 20). Essa visão integrada é crucial para entender como as normas de gênero se entrelaçam com outras formas de opressão e desigualdade, afetando o ambiente escolar de maneira mais complexa e abrangente.

Complementando essa discussão, Sandra Harding (2004) acrescenta a importância de uma perspectiva feminista que considera o gênero como uma construção social situada no contexto das relações de poder. Harding defende que "a perspectiva feminista oferece uma análise crítica das estruturas sociais que moldam as experiências de gênero, proporcionando uma base para entender como essas estruturas podem ser desafiadas e transformadas" (Harding, 2004, p. 58). Essa abordagem enfatiza a necessidade de questionar e reconfigurar as práticas educacionais para promover a inclusão e a equidade.

Ao integrar as perspectivas de Butler, Foucault, Hooks e Harding, podemos compreender de forma mais abrangente as múltiplas dimensões das normas de gênero e suas implicações no contexto da Educação Física. Essa análise nos permite reconhecer o caráter construído socialmente do gênero e questionar as normas tradicionais, promovendo ambientes escolares mais inclusivos e equitativos onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados, independentemente de sua identidade de gênero.

No contexto das aulas de Educação Física e além, compreender as normas de gênero é essencial para analisar como essas expectativas sociais moldam a

experiência de meninos e meninas. As normas de gênero referem-se a um conjunto de expectativas sociais e culturais que determinam como os indivíduos devem se comportar com base em seu gênero. Essas normas são internalizadas desde a infância e influenciam profundamente as interações sociais e as oportunidades dos indivíduos. Diversos autores fornecem uma base teórica para entender como essas normas são construídas e mantidas na sociedade.

Joan W. Scott (1995) oferece uma visão fundamental ao definir gênero como uma construção social imposta sobre um corpo sexuado. Segundo Scott, as normas de gênero são categorias sociais que organizam e estruturam a sociedade, moldando as experiências e percepções dos indivíduos. Ela argumenta que o gênero não deve ser entendido apenas como uma expressão de diferenças biológicas, mas como um conjunto de práticas e expectativas culturais que são perpetuadas pela sociedade. Essa definição destaca a importância de analisar as normas de gênero como produtos de contextos sociais específicos, em vez de características naturais ou imutáveis.

Raewyn Connell (1995) complementa essa visão ao explorar como as normas de gênero são mantidas através das expectativas culturais e das práticas sociais. Connell foca em como as masculinidades e feminilidades são construídas e reguladas por normas sociais que definem comportamentos, habilidades e papéis apropriados para cada gênero. Em seu trabalho, Connell introduz o conceito de "masculinidades hegemônicas," que se refere a um ideal de masculinidade dominante que molda a forma como os homens são esperados a se comportar e interagir socialmente. Essa abordagem enfatiza como as normas de gênero são integradas nas práticas culturais e como elas afetam as relações de poder entre os gêneros.

Catherine MacKinnon (1979) contribui para a compreensão das normas de gênero ao analisar como essas normas influenciam as relações de poder e as estruturas sociais. MacKinnon argumenta que o gênero é frequentemente usado para justificar desigualdades e opressões. Em seu trabalho sobre assédio sexual no local de trabalho, ela examina como as normas de gênero são utilizadas para controlar e submeter as mulheres, revelando a interseção entre gênero e poder. A análise de MacKinnon destaca como as normas de gênero podem reforçar desigualdades estruturais e perpetuar formas de opressão que afetam a participação e o bem-estar dos indivíduos.

Ruth Hubbard (1995) oferece uma crítica adicional ao explorar a construção social do sexo e do gênero. Hubbard argumenta que as categorias de gênero são

moldadas por contextos culturais e políticos específicos e que a percepção do corpo e da identidade é influenciada por essas construções sociais. Ela examina como as normas de gênero afetam a forma como os indivíduos vivenciam seus corpos e como essas normas são reforçadas por discursos culturais e institucionais. O trabalho de Hubbard contribui para a compreensão de como as normas de gênero são integradas nas práticas sociais e como elas influenciam a percepção do corpo e da identidade.

Susan Bordo (1993) analisa a forma como as normas de gênero e as expectativas sociais moldam a percepção do corpo e da identidade. Em *Unbearable Weight*, Bordo explora como as normas culturais afetam a saúde e o bem-estar dos indivíduos, destacando a pressão para conformar-se a ideais de beleza e comportamento de gênero. Bordo argumenta que essas normas podem ter impactos significativos na autoimagem e na saúde mental, revelando como as expectativas de gênero influenciam a forma como os indivíduos percebem e cuidam de seus corpos.

A integração dessas perspectivas teóricas oferece uma compreensão abrangente das normas de gênero e de como elas moldam as experiências e interações sociais. Ao analisar o gênero como uma construção social, performativa e regulada por normas culturais, podemos desenvolver uma visão mais crítica das expectativas de gênero que influenciam a participação e a inclusão nas atividades escolares e em outras esferas da vida. A partir dessas abordagens teóricas, é possível perceber que as normas de gênero não são fixas ou naturais, mas sim construídas socialmente e sujeitas a mudanças.

Reconhecer a natureza construída e contextual das normas de gênero abre espaço para um debate mais amplo sobre como desafiar e modificar essas normas para promover maior inclusão e equidade. Em contextos educacionais, isso significa criar ambientes que não apenas acolham, mas celebrem a diversidade de identidades de gênero. Ao adotar uma abordagem crítica, educadores podem desenvolver práticas pedagógicas que desconstruam estereótipos de gênero e ofereçam oportunidades equitativas para todos os alunos, independentemente de sua identidade de gênero. É essencial implementar estratégias que reconheçam e valorizem a individualidade de cada aluno, criando um espaço onde todos possam se sentir respeitados e apoiados.

Em última análise, a análise e a reformulação das normas de gênero podem contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva, onde a diversidade é reconhecida como uma força enriquecedora, e não como um obstáculo.

O conceito de autorreconhecimento de gênero é essencial para compreender

como os indivíduos percebem e se identificam com suas identidades de gênero. Duas contribuições significativas para esse conceito vêm dos trabalhos de Robert Stoller e Judith Butler. Embora ambos abordem o gênero de maneiras distintas, suas perspectivas oferecem insights valiosos sobre o autorreconhecimento de gênero.

Robert Stoller (1993), em "Sexo e Gênero: Sobre o Desenvolvimento da Masculinidade e Feminilidade", integra aspectos biológicos e sociais no desenvolvimento da identidade de gênero. Stoller argumenta que o autorreconhecimento de gênero resulta da interação entre fatores biológicos e influências sociais. Para ele, a identidade de gênero emerge da interação entre características biológicas e expectativas culturais e sociais, oferecendo uma compreensão que abrange tanto as dimensões fisiológicas quanto psicossociais do desenvolvimento de gênero (Stoller, 1993). Essa abordagem sugere que o gênero é uma construção que resulta da combinação de predisposições biológicas e pressões sociais, refletindo uma perspectiva que vê a identidade de gênero como um fenômeno multifacetado e dinâmico.

Por outro lado, Judith Butler (2003), em "Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade", adota uma abordagem pós-estruturalista. Butler argumenta que o gênero é uma construção social performática, que se manifesta através de práticas culturais e discursivas contínuas. Segundo Butler, o autorreconhecimento de gênero não é um atributo fixo ou biologicamente determinado, mas um processo dinâmico baseado na repetição de atos e práticas que conformam a identidade de gênero. Ela enfatiza a fluidez das identidades de gênero e a necessidade de questionar e desafiar normas rígidas que muitas vezes determinam como o gênero deve ser vivido e expresso (Butler, 2003). Para Butler, o gênero é continuamente realizado e reforçado por meio de práticas culturais e sociais, subvertendo a ideia de uma identidade de gênero fixa e essencial.

A análise das perspectivas de Robert Stoller e Judith Butler revela tanto complementaridades quanto diferenças em suas abordagens sobre o autorreconhecimento de gênero. Enquanto Stoller proporciona uma visão integrativa que combina aspectos biológicos e sociais na formação da identidade de gênero, Butler oferece uma visão crítica que desafia a concepção tradicional de gênero como uma característica essencial ou fixa.

Stoller vê o gênero como um fenômeno que emerge da interação entre biologia e normas sociais, sugerindo que o desenvolvimento da identidade de gênero é

moldado tanto por predisposições biológicas quanto por influências culturais. Essa abordagem oferece uma compreensão ampla do processo de autoconhecimento de gênero, integrando múltiplas dimensões.

Por outro lado, a abordagem de Butler questiona as premissas da fixidez e essencialidade do gênero, propondo que o gênero é uma construção social performática. Para Butler, o autoconhecimento de gênero é um processo contínuo e dinâmico, realizado por meio de práticas culturais e discursivas que continuamente reforçam e negociam a identidade de gênero. Essa perspectiva enfatiza a fluidez das identidades de gênero e destaca a importância de desafiar e subverter as normas de gênero rígidas e tradicionais.

Ambas as perspectivas contribuem para uma compreensão mais rica do autoconhecimento de gênero, oferecendo insights sobre como o gênero é construído e experienciado. Stoller oferece uma base que integra biologia e cultura, enquanto Butler propõe uma análise crítica das normas sociais que moldam a identidade de gênero. Juntas, essas abordagens proporcionam uma visão abrangente que considera tanto as dimensões biológicas quanto as sociais e culturais do gênero, enriquecendo a compreensão do autoconhecimento de gênero e suas implicações.

O conceito de inclusão e exclusão no contexto de gênero é crucial para compreender as dinâmicas que moldam a participação dos alunos nas aulas de Educação Física. O artigo "Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão" oferece uma análise aprofundada sobre como as normas de gênero influenciam a experiência escolar dos estudantes. Este estudo ilustra como as expectativas tradicionais sobre masculinidade afetam a maneira como os alunos são incluídos ou excluídos das atividades físicas e esportivas.

De acordo com a pesquisa, as aulas de Educação Física frequentemente reproduzem estereótipos de gênero que favorecem certos comportamentos e habilidades associadas à masculinidade tradicional. Meninos que demonstram desempenho atlético ou comportamentos considerados típicos de "masculinidade" são mais propensos a ser incluídos e a ter suas identidades reforçadas. Em contraste, aqueles que não se encaixam nesses padrões podem enfrentar exclusão ou estigmatização. Esse processo é reforçado pelas normas curriculares e pelas práticas pedagógicas, que muitas vezes privilegiam atividades que correspondem aos estereótipos de gênero dominantes (Masci, 2015).

Adicionalmente, a obra de Joan Scott fornece uma visão crítica sobre a

dinâmica de inclusão e exclusão ao destacar como as categorias de gênero moldam a estrutura social e educacional. Scott (1995) argumenta que as normas de gênero são construídas socialmente e institucionalizadas por meio de práticas e discursos que perpetuam desigualdades. Na Educação Física, isso se reflete na maneira como certos comportamentos e habilidades são valorizados, enquanto outros são marginalizados. A exclusão de certos alunos pode ser vista como um reflexo das normas de gênero que determinam o que é considerado aceitável ou desejável dentro do ambiente escolar. A abordagem de Scott ajuda a entender como a inclusão e a exclusão são processos dinâmicos que estão profundamente enraizados em estruturas de poder e expectativas culturais (Scott, 1995).

Por outro lado, a análise de Raewyn Connell sobre as masculinidades também oferece uma perspectiva valiosa sobre esses processos. Connell (1997) explora como as normas de gênero estabelecem hierarquias e categorias que influenciam a participação dos alunos em atividades escolares. A teoria da masculinidade hegemônica de Connell sugere que existem formas privilegiadas de masculinidade que são reforçadas pelas instituições educacionais, enquanto outras formas são desvalorizadas ou ignoradas. Esse conceito explica como as práticas e as expectativas nas aulas de Educação Física podem reforçar essas hierarquias, contribuindo para a exclusão de alunos que não se conformam aos ideais predominantes de masculinidade. Assim, a análise de Connell complementa a visão de Scott, oferecendo uma compreensão mais profunda das estruturas que sustentam a exclusão e a inclusão no contexto educacional (Connell, 1997).

Em conclusão, a análise dos conceitos de inclusão e exclusão no contexto de gênero revela como as normas sociais e culturais moldam a experiência escolar dos alunos. Os estudos de Masci, Scott e Connell destacam a importância de reavaliar as práticas pedagógicas e curriculares para promover um ambiente mais inclusivo e equitativo. Para superar a exclusão baseada em gênero, é essencial adotar abordagens que reconheçam e valorizem a diversidade das identidades de gênero, desafiando as normas estabelecidas e criando oportunidades para todos os alunos participarem e se desenvolverem de maneira igualitária. Dessa forma, a Educação Física pode se tornar um espaço mais inclusivo, onde a diversidade é respeitada e celebrada.

Neste capítulo, o referencial teórico apresentado embasa a análise das dinâmicas de gênero nas aulas de Educação Física, destacando a importância da

compreensão dos conceitos de identidade de gênero, autorreconhecimento, normas de gênero, inclusão e exclusão. A influência das normas de gênero vai além das interações individuais dos alunos, afetando as práticas pedagógicas e a estrutura curricular. Meninas e meninos frequentemente são direcionados para atividades distintas com base em estereótipos de gênero, reforçando a ideia de que determinadas habilidades e comportamentos são mais apropriados para um gênero específico.

Essa segregação pode reforçar estereótipos prejudiciais e limitar as oportunidades de aprendizagem, criando um ambiente que pode ser particularmente hostil para aqueles que não se conformam com as normas tradicionais de gênero. A exclusão desses alunos pode impactar negativamente não apenas o desenvolvimento físico e motor, mas também o bem-estar emocional e social. As aulas de Educação Física têm o potencial de promover a autoestima, a confiança e o senso de pertencimento dos estudantes, oferecendo oportunidades para a expressão e o reconhecimento de suas habilidades e potencialidades individuais.

A compreensão das normas de gênero como construções sociais e performáticas revela que a identidade de gênero não é uma característica fixa, mas uma construção dinâmica que é continuamente negociada e reforçada por práticas culturais e discursivas. Essa perspectiva permite uma análise crítica das expectativas de gênero e destaca a importância de criar ambientes educacionais que não apenas acolham, mas celebrem a diversidade de identidades de gênero.

Além disso, ao integrar a análise das práticas pedagógicas com a compreensão das estruturas sociais que moldam as normas de gênero, é possível identificar e abordar os processos de inclusão e exclusão no ambiente escolar. E reconhecer a natureza construída e contextual das normas de gênero abre espaço para a reformulação das práticas educacionais, promovendo uma Educação Física mais inclusiva e equitativa. A adoção de abordagens que valorizem a diversidade de identidades de gênero é fundamental para criar espaços respeitosos e apoiadores para todos os alunos, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada com o objetivo de compreender as experiências e percepções dos alunos em relação às normas de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física. Optou-se por uma abordagem qualitativa, visando captar de forma aprofundada e detalhada as vivências dos participantes, suas experiências e sugestões para promover a inclusão no ambiente escolar.

A pesquisa qualitativa é fundamental para explorar fenômenos complexos e subjetivos que não podem ser totalmente capturados por métodos quantitativos. De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender a realidade a partir da perspectiva dos participantes, oferecendo uma visão rica e detalhada das suas experiências e interações. Essa abordagem é particularmente relevante para investigar como as identidades de gênero e orientações sexuais influenciam a participação e a inclusão nas atividades escolares. Ela permite a expressão das perspectivas dos participantes de forma mais livre e abrangente, revelando nuances e contextos que podem ser invisíveis em análises quantitativas.

A pesquisa foi conduzida em um ambiente educacional onde o autor atua como professor de Educação Física. Para explorar as experiências e percepções dos alunos sobre normas de gênero e sexualidade, foram elaboradas dez questões abertas. As perguntas abordaram temas como identificação de gênero, orientação sexual, vivências nas aulas de Educação Física e sugestões para promover um ambiente mais inclusivo. A amostra contou com dez alunos, incluindo meninas e meninos, que se identificam como lésbicas e gays. Dois participantes optaram por responder às perguntas por meio de entrevistas gravadas, enquanto os demais preferiram responder individualmente por escrito. Essa abordagem diversificada buscou respeitar as preferências e o conforto dos alunos, garantindo uma representação ampla e significativa das diferentes experiências e perspectivas relacionadas ao gênero e à sexualidade.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais, conduzidas de forma respeitosa e confidencial. O processo de entrevista foi estruturado para garantir que os participantes pudessem expressar livremente suas opiniões e experiências, sem pressões ou restrições. As entrevistas foram realizadas em um ambiente seguro e confortável, para promover a abertura e a sinceridade dos participantes.

O objetivo principal da pesquisa foi investigar como as normas de gênero e a sexualidade influenciam a experiência dos alunos nas aulas de Educação Física. A pesquisa procurou identificar se é como as normas de gênero afetam a participação e a inclusão dos alunos, além de explorar as percepções sobre a representação de diferentes identidades de gênero e orientações sexuais nas atividades físicas. A coleta de dados também visou obter sugestões dos alunos sobre como tornar as aulas de Educação Física mais inclusivas e sensíveis às diversidades de gênero e sexualidade. Em última análise, a pesquisa pretende fornecer informações valiosas para a formulação de estratégias que promovam um ambiente educacional mais equitativo e acolhedor para todos os alunos.

3.1 Resultados da pesquisa

A tabela a seguir apresenta uma síntese dos resultados obtidos na pesquisa realizada com oito estudantes que responderam de forma escrita às questões propostas. As respostas foram organizadas de maneira a destacar as percepções, experiências e sugestões dos participantes em relação às normas de gênero e sua influência nas aulas de Educação Física. Essa análise reflete as principais tendências e desafios identificados durante o estudo.

Quadro 1 - Perguntas e síntese das respostas dadas

PERGUNTAS	SÍNTESE DAS RESPOSTAS
1. Qual é o seu nome?	Bernardo, Ícaro, Gabriel, Davi, Yasmin, Gabriela, Monique, Rafaela, Mirian, Ana Vitória,
2. Quantos anos você tem?	Entre quinze e dezessete anos.
3. Como você se identifica em termos de gênero?	Quatro se identificaram como meninos, três como meninas, um como não-binário e duas lésbicas.
4. Você se sente confortável em falar sobre sua sexualidade?	Sete responderam "Sim", três indicaram algum desconforto devido ao medo de julgamento.
5. Como foram suas experiências nas aulas de Educação Física ao longo da sua vida escolar?	Quatro relataram experiências positivas, destacando a socialização; Seis mencionaram dificuldades devido à separação de meninos e meninas nas atividades.

<p>6. Você sentiu que as normas de gênero influenciaram sua participação ou experiência nas aulas de Educação Física de alguma forma? Se sim, de que maneira?</p>	<p>Todos relataram que sim. As pessoas que se declararam meninas e lésbicas citaram serem desencorajadas em esportes como futebol; meninos mencionaram pressão para performar em atividades "competitivas"; o aluno não-binário sentiu dificuldade em encontrar um espaço de pertencimento.</p>
<p>7. Você percebeu alguma diferença na forma como meninos e meninas eram tratados ou encorajados nas atividades de Educação Física?</p>	<p>Seis apontaram que meninas eram menos incentivadas em esportes "tradicionalmente masculinos", enquanto os meninos recebiam menos apoio em atividades "não competitivas".</p>
<p>8. Você já se sentiu excluído ou discriminado nas aulas de Educação Física por causa de sua identidade de gênero ou orientação sexual?</p>	<p>Três responderam "Sim", relatando comentários ou situações que os deixaram desconfortáveis. Cinco disseram que não e dois reconheceram episódios de exclusão de colegas.</p>
<p>9. Quais são suas percepções sobre a representação de diferentes identidades de gênero e orientações sexuais nas atividades de Educação Física?</p>	<p>Seis afirmaram que a representatividade é insuficiente; quatro destacaram que a inclusão é percebida apenas em discursos, mas pouco aplicada nas práticas.</p>
<p>10. Que sugestões você teria para tornar as aulas de Educação Física mais inclusivas e sensíveis às diversidades de gênero e sexualidade?</p>	<p>As sugestões incluíram: misturar meninos e meninas em todas as atividades; criar espaços para diálogo sobre diversidade; e capacitar professores para lidar com questões de gênero e sexualidade.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A pesquisa evidenciou como as normas de gênero moldam as experiências dos alunos nas aulas de Educação Física, muitas vezes limitando a participação inclusiva e reforçando estereótipos. A seguir, são apresentadas as principais áreas de impacto, acompanhadas de sugestões detalhadas para melhorias:

Os alunos demonstraram interesse em discutir questões relacionadas à identidade de gênero e sexualidade, mas parte deles ainda expressou receios, refletindo o tabu que ainda cerca o tema em ambientes escolares. Esse desconforto reforça a importância de espaços seguros para o diálogo.

Criar programas regulares de conscientização e rodas de conversa conduzidas por profissionais qualificados, como psicólogos escolares e especialistas em diversidade. Esses encontros podem abordar temas como identidade de gênero, sexualidade e respeito às diferenças, com ênfase em criar uma cultura escolar acolhedora.

A separação das atividades por gênero foi apontada como uma barreira significativa. Meninas autodeclaradas lésbicas relataram serem desmotivadas em esportes considerados "masculinos", enquanto meninos enfrentaram pressões para

se destacarem em atividades competitivas. Alunos não-binários indicaram dificuldades de integração em dinâmicas tradicionais.

Reestruturar a abordagem pedagógica das aulas, promovendo atividades mistas que valorizem a colaboração em vez da competição. Por exemplo, criar circuitos esportivos temáticos ou projetos interativos que desafiem os estereótipos de gênero, permitindo que todos os alunos participem de forma igualitária.

Os participantes expressaram a percepção de que a representatividade de diferentes identidades de gênero e sexualidade é limitada, com práticas que muitas vezes ignoram as diversidades presentes na sala de aula.

Incorporar referências culturais e históricas que representem diferentes identidades de gênero em atividades escolares, como biografias de atletas LGBTQIA+ ou debates sobre diversidade no esporte. Além disso, incluir momentos específicos para os alunos discutirem suas vivências e sugerirem melhorias para as dinâmicas escolares.

Alguns alunos relataram episódios de exclusão e discriminação, que variaram de comentários preconceituosos a atitudes que restringiram sua participação.

Estabelecer uma política escolar clara de tolerância zero contra discriminação, acompanhada de treinamentos regulares para toda a comunidade escolar sobre como identificar, denunciar e lidar com comportamentos discriminatórios. Criar um "comitê de inclusão", formado por alunos e professores, pode ser uma iniciativa eficaz para monitorar e avaliar continuamente essas questões.

Os alunos sugeriram práticas que podem tornar as aulas de Educação Física mais inclusivas e sensíveis às diversidades. Entre elas, destacaram-se a integração de meninos e meninas em todas as atividades, a promoção de diálogos sobre diversidade e a capacitação de educadores.

Desenvolver um plano anual de inclusão, com ações práticas como: (I) Realização de palestras e oficinas sobre diversidade, ministradas por especialistas externos; (II) Revisão dos conteúdos curriculares da Educação Física para incluir temas sobre igualdade de gênero e respeito às diversidades; (III) Incentivo à criação de espaços de feedback, como caixas de sugestões ou reuniões periódicas, onde os alunos possam compartilhar suas percepções sobre as práticas escolares.

Os resultados da pesquisa destacam a necessidade de um esforço coletivo para transformar o ambiente escolar em um espaço mais inclusivo e acolhedor. A implementação das sugestões propostas pode não apenas melhorar a experiência

dos alunos, mas também contribuir para uma educação que valorize e celebre a diversidade. Com práticas pedagógicas atualizadas e políticas escolares efetivas, é possível desconstruir estereótipos e garantir que todos os estudantes tenham oportunidades iguais de participação e desenvolvimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia abordou a complexa relação entre gênero, normas sociais e Educação Física no contexto escolar, explorando como meninas, meninos e alunos que fogem às categorias tradicionais de gênero vivenciam suas experiências educacionais. A pesquisa qualitativa, realizada em um ambiente educacional, evidenciou que as normas de gênero ainda exercem influência significativa nas interações sociais e na dinâmica das aulas, moldando percepções, comportamentos e oportunidades.

Desde o início, o objetivo foi compreender como essas normas afetam a participação dos estudantes, suas percepções sobre inclusão e exclusão, e suas sugestões para a construção de um ambiente mais equitativo. As entrevistas realizadas, tanto em formato gravado quanto por meio de respostas escritas, revelaram que, embora a Educação Física seja um espaço com potencial para promover a inclusão e o respeito à diversidade, ela frequentemente reforça estereótipos de gênero e práticas excludentes.

Os resultados apontaram que as meninas e pessoas autodeclaradas lésbicas frequentemente enfrentam barreiras para participar de atividades consideradas "masculinas", como futebol e basquete, enquanto os meninos se sentem pressionados a corresponder a expectativas de desempenho competitivo, desvalorizando atividades de caráter colaborativo ou que desafiem a ideia tradicional de masculinidade. Além disso, alunos não-binários relataram dificuldades para encontrar um espaço de pertencimento, destacando a invisibilidade de suas identidades nas dinâmicas escolares.

A pesquisa também revelou que, apesar dessas dificuldades, os estudantes reconhecem o valor de iniciativas inclusivas e se mostraram abertos a propor mudanças. As sugestões fornecidas pelos participantes, como a promoção de aulas mistas, a realização de debates sobre diversidade de gênero e a capacitação de professores, reforçam a necessidade de uma abordagem pedagógica mais sensível às questões de gênero. A análise teórica fundamentada em autores como Judith Butler, Joan Scott e Raewyn Connell contribuiu para contextualizar essas experiências, mostrando que o gênero é uma construção social que pode ser desconstruída e reconfigurada no ambiente escolar.

Apesar dos avanços observados na legislação e nos discursos educacionais

sobre inclusão, ainda há um longo caminho a percorrer para transformar essas diretrizes em práticas cotidianas. É fundamental que as escolas reconheçam a importância de tratar o gênero como uma dimensão central da formação dos estudantes, não apenas para combater a discriminação, mas também para promover a igualdade e o respeito mútuo.

Como educador e pesquisador, este trabalho proporcionou um olhar renovado sobre o papel da Educação Física na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O envolvimento dos alunos na pesquisa foi um aprendizado valioso, mostrando que, quando convidados a refletir sobre suas experiências, eles se tornam agentes ativos na transformação do espaço escolar.

Portanto, a conclusão deste estudo não se limita à identificação de problemas, mas aponta para caminhos concretos de mudança. A promoção de práticas inclusivas, o incentivo ao diálogo e a desconstrução de estereótipos de gênero devem ser prioridades para os educadores que buscam criar ambientes verdadeiramente acolhedores e transformadores. O impacto dessa transformação vai além do espaço escolar, contribuindo para formar indivíduos mais conscientes, empáticos e preparados para lidar com as diversidades da vida em sociedade.

Assim, esta monografia espera ser uma contribuição significativa para os debates sobre gênero e educação, oferecendo reflexões e práticas que podem inspirar mudanças concretas na escola e, por extensão, na sociedade. A caminhada para uma Educação Física mais inclusiva e sensível às diversidades de gênero é desafiadora, mas indispensável para a construção de um futuro mais igualitário e respeitoso para todos.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.
- CONNELL, Raewyn. W. **Masculinidade e poder**: a construção social do gênero. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1976.
- HARDING, Sandra. **The feminist standpoint theory reader**: intellectual and political controversies. New York: Routledge, 2004.
- HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo**. 11. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022. 319 p.
- MASCI, Andreza. **Masculinidades na Educação Física escolar**: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.
- MINAYO, Maria C. de S. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- WEST, Candance; ZIMMERMAN, Don H. Fazendo gênero. **Gênero e Sociedade**, v. 1, n. 2, p. 125-151, 1987.